

A  
QUEDA  
DOS  
DEMÔNIOS  
CELESTIAIS

# 1. A DOR DOS IRIDUN

Os iridun, buscadores incansáveis do conhecimento, subiam a grande montanha de Ettu, cujo cume tocava os céus, todos unidos pelo rumor que ecoou em todos os seus ouvidos: Qirghal, Aquele que Tudo Sabe, portador de uma mensagem, estava prestes a se manifestar

Naturalmente curiosos, os iridun ergueram sua civilização sobre os pilares da busca infundável pelo saber. Em suas grandes cidades, erguiam-se templos e vastas bibliotecas, onde o saber era disseminado. A essência de sua existência residia no anseio de desvendar todos os segredos de seu mundo e do vasto Universo.

Mas antes que a sabedoria se desvendasse a ele por inteiro, Qirghal, o mais inquieto dos iridun, encontrava-se insatisfeito. O desespero para compreender, a fome de desvendar os enigmas da existência o devoravam. Sua mente ansiava por algo mais profundo, algo que transcendesse os limites do intelecto. Assim, ele abandonou as cidades e retirou-se para as alturas imperturbáveis de Ettu, onde mergulhou em meditação.

Lá nas alturas, onde as estrelas eram suas testemunhas, Qirghal desvendou os segredos de sua própria mente. Com meros pensamentos, desfez centenas de preconceitos cognitivos, instintos primordiais e transgrediu as limitações que amarravam o intelecto. Emergiu, então, como algo além, um ser de sabedoria infinita. Ele abraçou os segredos do cosmos, e conheceu cada pensamento, cada fragmento da existência, desvendou os mistérios do tempo e do

espaço, e conheceu a essência da criação e destruição. Sabia tudo sobre tudo.

Mas o conhecimento supremo trouxe consigo uma revelação sombria, uma terrível verdade: nos cantos escuros das estrelas e nas profundezas da eternidade, Qirghal vislumbrou uma tragédia iminente que se aproximava de seu mundo. E assim, a sabedoria tornou-se um fardo pesado, e o sábio dos sábios viu-se incumbido de alertar os filhos de sua raça sobre o grande horror que estava por vir.

No cume de Ettu, os iridun se assentaram em reverente silêncio ao redor de Qirghal, aguardando suas palavras. E estas foram suas palavras:

“Filhos da sabedoria, escutem com ouvidos atentos. Eu, que sei tudo sobre tudo, fui acometido por uma visão nefasta. Um grande mal virá ao nosso mundo, uma sombra voraz que anseia nos usurpar. Conquistadores repletos de ódio observam-nos com olhares invejosos. Vigiem os céus, pois lá encontrarão o prenúncio de sua chegada. Permaneçam fortes, pois eles são a praga que se estende pelo infinito, e não terão misericórdia. Nunca mais poderemos conhecer, seremos apenas escravos, privados das maravilhas do entendimento. O conhecimento que uma vez foi nossa sagrada aspiração será uma memória distante, uma saudade dos dias em que éramos livres para explorar os mistérios do mundo.”

Diante das palavras proféticas do sábio, os iridun, abatidos pelo peso do conhecimento sombrio que havia sido revelado, caíram ao seu redor e choraram, enquanto entoavam canções de miséria, desespero e perda, cujos ecos reverberavam por toda a montanha.

Uma grande agonia estava por vir, e a sede insaciável pelo saber seria silenciada. Em sua tristeza eles lamentaram pela perda iminente de uma jornada interminável de aprendizado. A perspectiva de que nunca mais poderiam buscar, descobrir e conhecer era um fardo insuportável.

E assim, após todo o peso da dor e o lamento ecoante nas encostas da grande montanha, os iridun começaram sua descida da majestosa Ettu. De cidade em cidade, eles viajaram, cumprindo o dever doloroso de transmitir a profecia que pesava sobre eles como uma maldição. Em cada local, erguiam-se as vozes tristes dos mensageiros, enquanto compartilhavam as palavras de Qirghal. A agonia que permeava cada cidade que visitavam eram como um eco do desespero que já haviam sentido no topo da montanha.

Eis que se cumpriu a profecia proferida por Qirghal, Aquele que Tudo Sabe. Na alvorada de um dia maldito, desceram dos céus aqueles que foram preditos, os implacáveis conquistadores cheios de ódio e inveja. Vieram em naves, gigantes como as montanhas, que gemiam e gritavam em pura dor e agonia enquanto cruzavam o firmamento, lançando fogo sobre a terra dos iridun, que contemplavam impotentes a devastação que se abateu sobre suas grandes cidades. Uma grande praga varreu o mundo, uma praga que consumiu suas realizações, suas bibliotecas, suas maravilhas. As torres, os templos sagrados, todos sucumbiram.

Os corpos dos outrora buscadores incansáveis do conhecimento jaziam como testemunhas silenciosas da malignidade daqueles demônios que vieram do céu. Sua jornada interminável de aprendizado foi interrompida de maneira cruel, suas mentes brilhantes foram silenciadas. Aquele mundo que um dia fora

repleta de promessas, um reino de sabedoria tornou-se um túmulo vasto e sombrio.

Após o grande genocídio, quando o sangue dos iridun havia tingido a terra e suas cidades eram apenas ruínas, os demônios celestiais desceram de suas naves, revelando-se como os senhores de milhares de mundos exteriores, onde haviam semeado o terror e a destruição por eras incontáveis. Eles eram o Império Unoren.

## 2. A DOR DOS UNOREN

Em tempos antigos, antes de serem poderosos, os unoren eram sofreadores, pois seu mundo estava em agonia, gemendo sob o peso de sua própria decadência. Encontravam-se despedaçados em conflitos incessantes, uma luta sem fim por migalhas de sustento. Lutavam em busca de recursos para prolongar sua existência amaldiçoada pela escassez, jazendo na miséria mais profunda, onde a fome devorava não só os corpos, mas também a sanidade. Consumiam o que quer que encontrassem, até os despojos e carniças que a desolação oferecia, e até mesmo os cadáveres de seus próprios mortos eram alimento para seus estômagos famintos, tal era o desespero que os afligia. Os mortos abandonados nos desertos contavam a história de uma civilização à beira do abismo, enquanto os que ainda viviam travavam guerras sem fim.

Desprovidos de gênero, multiplicam-se por si mesmos, sem o toque carnal. A gravidez não é uma escolha, mas uma inevitabilidade que cai sobre cada unoren após atingir a maturidade. Isto era uma infelicidade em seu mundo natal, mais bocas famintas surgiam, mais recursos eram esgotados e mais dor e guerra permeavam suas vidas.

“Por que estamos aqui? Por que vivemos? Nossa existência é destinada apenas ao sofrimento? Não deveríamos ser os senhores daqueles mundos?”

Estes eram os angustiantes questionamentos que proferiam quando contemplavam os céus com olhos invejosos, ansiando por

habitar os mundos exteriores onde a vida se mostrava mais benevolente.